



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



A agroecologia política no manejo de agroecossistemas de camponeses agroextrativistas na Amazônia.

The agroecological policy on the agroecosystems management from the agroextrativist's peasants of the Amazonia

AZEVEDO, Hueliton Pereira¹; ASSIS, William Santos de²; SOUSA, Romier da Paixão³.

¹Universidade Federal do Pará (UFPA), huelitontuba@hotmail.com; ²williamassis@ufpa.br;

³Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal, romier.sousa.ifpa@gmail.com.

Tema Gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar o manejo de agroecossistemas camponeses agroextrativistas a partir da contribuição da Agroecologia Política. A partir de uma pesquisa qualitativa identificamos as especificidades da organização dos agroecossistemas e os desafios da sustentabilidade de seu manejo. A agroecologia política é fundamental para a compreensão do manejo dos agroecossistemas de camponeses agroextrativistas por possibilitar (i) a ruptura com a visão parcelaria sobre estes agroecossistemas, (ii) entender e promover a recampesinização qualitativa através da superação da crise do manejo tradicional.

Palavras-chave: Agroecologia; Crise Técnica; Manejo Tradicional.

Abstract

The goal of this paper is to analyze the agro ecosystems management from the agro extractives' peasants since the contribution of the political agro-ecology. Since a qualitative research, we observed the organization specifics of the agro-ecosystems and the sustainability challenges of its management. The agro-ecology policy is fundamental for the comprehension of the agro-ecosystem from the agro-extractive' peasants because it possibilities: the rupture with the sector vision about these agro-ecosystems, to understand and promote the qualitative re-peasant is through the overcome the crisis of the traditional management.

Keywords: Agro-ecology, Technical Crisis, Tradicional Management.

Introdução

A agroecologia possui um portador social: os camponeses (PLOEG, 2011). O campesinato é uma força social que, por se reproduzir através de práticas agroecológicas, entendidas aqui como mecanismos de recampesinização, fortalece ativamente a agroecologia. Para Ploeg (2011) “é apenas esta força social que é capaz de fazer da agroecologia um movimento de transformação, uma prática sustentável” (p. 47). Nesse sentido, o manejo de agroecossistemas dos camponeses possui uma relevância estratégica no desenvolvimento da agroecologia. O manejo destes agroecossistemas representa um desafio para o pensamento agroecológico no Contexto do campesinato agroextrativista Amazônico. A compreensão de sua organização e funcionamento e os problemas de sustentabilidade enfrentados são fundamentais para a agroecologia,



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



na medida em que possibilitam a construção de estratégias de manejo adequadas as especificidades locais. Os estudos regionais geralmente são orientados por visão parcelaria, concentrando os esforços das pesquisas em áreas isoladas como os lagos, as baías, os rios, as áreas de uso individual, as florestas, entre outros, sem compreendê-los de forma integrada. Diante destas questões, procuramos responder: como os agroecossistemas dos camponeses agroextrativistas estão organizados? Existem fatores relacionados ao manejo que lhes aproximam de situações de insustentabilidade? Qual a importância da agroecologia política neste Contexto?

Metodologia

O estudo se apoiou na Pesquisa Qualitativa (FLICK, 2008) e teve como base empírica o Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Santo Antônio II, na Ilha do Capim, em Abaetetuba, Pará. Nesta localidade, existe Divisão Territorial constituída de Sete Setores (Vila, Furo, Caiana, Caratateua, Caxirinha, Madalena e o Igarapé Marintuba) criados pela associação local, para fins organizacionais. Entre estes setores, o estudo foi realizado no Igarapé Marintuba, envolvendo 09 famílias. As informações que orientam o debate neste artigo foram obtidas através de Dados Secundários de Pesquisas Anteriores e também de Dados Primários por meio de Observação Direta, Entrevista e Conversas Informais com os moradores do igarapé e representantes das organizações locais. Do ponto de vista teórico, o estudo se referenciou na Agroecologia Política a partir da articulação com o Enfoque Sistêmico - para compreender o conjunto das atividades desenvolvidas, na Ecologia Política – para identificar os Conflitos Ecológicos Distributivos e na teoria dos Recursos Comuns - para descrever as características dos Recursos e os Arranjos Institucionais.

Resultados e discussão

Manejar um agro-ecossistema é manipular um conjunto de recursos naturais, circunscritos aos limites de suas fronteiras, com o objetivo de adequar seu acesso e uso as necessidades dos atuais e futuras dos usuários. O manejo dos agroecossistemas dos camponeses agroextrativistas é realizado no interior de vários subsistemas, envolve diferentes atividades produtivas e pode ser definido como Manejo Tradicional. De acordo com Cunha (2002) no manejo tradicional “suas regras estão inscritas no conjunto de normas mais gerais da comunidade” (p. 20). A importância da agroecologia política no manejo dos agroecossistemas dos camponeses agroextrativistas está ligada a sua estrutura (MATURANA, 2001) específica, a crescente abertura operativa e a existência de conflitos ecológico-distributivos.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Em perspectiva espacial, sua estrutura (espaço do território) constitui-se de fragmentos descontínuos e assimétricos (diferentes tamanhos) na paisagem. Essa realidade caracteriza-se pela ligação dos camponeses ao território através do manejo de uma diversidade de espaços onde são realizadas plantações (subsistema de Cultivo), extração de diferentes recursos de origem animal, vegetal e mineral (subsistema Extrativista), criação de animais (subsistema de Criação), Processamento de Produtos Locais (subsistema de Processamento) e Outras Atividades Externas ao estabelecimento (Atividades Anexas).

A estrutura destes agroecossistemas implica em uma organização e funcionamento específico. A Figura 01 mostra um modelo representativo onde o “Agroecossistemas A” possui recursos que estão imersos em diferentes formas de gestão. Os subsistemas de Cultivo, Criação e Processamento, além de uma parcela do subsistema Extrativista (os Açaizais na várzea), representam a base de Recursos Autogerenciada. As Atividades Anexas representam uma estratégia de fortalecimento dos recursos controlados pela família, já que os valores mobilizados em atividades externas são parcialmente reinvestidos no Sistema de Produção. O subsistema Extrativista vai além da base de Recursos Autogerenciada e envolve parcelas com base de Recursos Compartilhada com outros agroecossistemas (B, C, D, E, F, G, H, I) que é mobilizada através de outras formas de gestão. Entre os subsistemas de Criação e o Extrativismo Animal assim como o subsistema de Cultivo e o Extrativismo Vegetal ocorrem Zonas de Transição caracterizadas por diferentes graus de Domesticação das Plantas e Animais.

Os espaços compartilhados pelos agroecossistemas são significativamente maiores, em termos de extensão do que os autogerenciados. Em função desta organização e funcionamento, o manejo dos agroecossistemas, no seu conjunto, está imerso em um arranjo institucional complexo, caracterizado pela sobreposição de regimes de propriedade, onde um mesmo agroecossistemas possui áreas de Uso Privado, Comum, Estatal e de Livre Acesso. Além disso, os Recursos Mobilizados diferem significativamente entre si em relação às Características de Exclusão e Subtração.

Nas **Áreas Autogerenciadas** os recursos possuem alta subtração e fácil exclusão. Por outro lado, nas áreas Compartilhadas (Espaços de Relação) com outros agroecossistemas, os recursos (peixe, camarão, caça, entre outros) possuem alta subtração e difícil exclusão. Estas últimas características revelam a dificuldade em manejar de forma sustentável estes recursos.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



O manejo dos agroecossistemas realizado pelos camponeses agroextrativistas está em crise, caracterizada pela dificuldade de assegurar a Exclusividade de acesso à base de recursos e a consequente situação de Sobre-Exploração e/ou Pressão sobre estes recursos. A crise do manejo tradicional resultou de vários fenômenos, entre eles: a presença de Dilemas Sociais; a crescente Abertura Operativa dos agroecossistemas; e os Conflitos Ecológicos Distributivos. Nas áreas Compartilhadas (Espaços de Relação), os camponeses não conseguiram superar os Dilemas Sociais, devido às Instituições (Regras) não terem evoluído o suficiente para acompanhar as mudanças internas e externas aos agroecossistemas, que tornaram as regras de uso tradicionais inadequadas para regular o acesso e uso da base de recursos implicando na sobre-exploração da base de recursos.

O Segundo Fator refere-se a crescente Abertura Operativa (mudanças na Gestão Técnica e Econômica) dos agroecossistemas. Esta abertura operativa caracteriza-se pela Introdução de Novas Tecnologias que permitiram a Intensificação na exploração dos recursos, como a utilização de gelo, malhadeiras de plástico e de Nylon e embarcações de motores movidos com combustíveis fósseis. Além disso, a variação na demanda de produtos extrativistas como é o caso do açaí, aumentou a influência dos mercados, resultando em um processo de homogeneização da paisagem, definido por Hiraoka (1993) como “açaização”.

O Terceiro Fator determinante da crise é o aumento dos Conflitos Ecológicos Distributivos envolvendo os Agroextrativistas e Empresas Mineradoras e Transportadoras de grãos. Estes conflitos de distribuição ecológica geraram Iniciativas Locais de Resistência às empresas que provocaram a reorganização do manejo na área da terra firme (uma parcela do subsistema extrativista compartilhada pelos agroecossistema), com alto grau de institucionalização dificultando o acesso e uso dos recursos deste espaço pelos próprios moradores. Estes conflitos estão se intensificando e influenciando no manejo dos recursos naturais e a agroecologia política possui o papel de compreender e propor soluções para estes problemas.

Conclusão

A agroecologia política é fundamental para entender e intervir no manejo dos agroecossistemas em função da maior parte de sua área, em termos de extensão, estar situada em “Espaços de Relação”, ou seja, nas áreas onde estão os Recursos Comuns e de Livre Acesso, além da crescente Abertura Operativa dos agroecossistemas e Permanente Conflitos Ecológico-Distributivos. Essa realidade revela a contribuição da agroecologia política para o manejo destes agroecossistemas considerando os seguintes aspectos: (a) resolver os Dilemas Sociais Existentes no Manejo; (b) compreender



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



os Agroecossistemas de Forma Sistêmica; (c) superar a Crise do Manejo Tradicional dos agroecossistemas; (d) contribuir no Processo de Recampesinização Qualitativa dos camponeses agroextrativistas na Amazônia através do redesenho institucional dos agroecossistemas que garanta o acesso à base de recursos, e supere sua situação de Pressão e/ou Sobre-Exploração.

Referências Bibliográficas

CUNHA, L. H. **Manejo comunitário de recursos naturais na Amazônia: arranjos institucionais e mediação externa**. Tese de doutorado. Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (Dtu). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea). Universidade Federal do Pará (Ufa), 2002.

CUNHA, L. H da. Da “tragédia dos comuns” à ecologia política: perspectivas analíticas para o manejo comunitário dos recursos naturais. **Revista Raízes, Campina Grande**, v. 23, n. 01, p. 10-26, 2004.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa-3. Artmed Editora, 2008.

HIRAOKA, M. Mudanças nos padrões econômicos de uma população ribeirinha do estuário do Amazonas. **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi**, p. 133-159, 1993.

OSTROM, E. **Governing the commons**. The evolution of institutions of collective action. Cambridge university press, 1990.

PETERSEN, P. **Metamorfosis agroecológica: un ensayo sobre agroecología política**. Universidad Internacional de Andalucía. Maestría en Agroecología: un enfoque para la sustentabilidad rural. 2011.

PLOEG, J. D. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Editora UFRGS, 2008.

PLOEG, J. D. The drivers of change: the role of peasants in the creation of na Agro-ecological agriculture. In: **Agroecologia**. Universidad Biología, Universidad de Murcia. Vol. 2011.

VASCONCELLOS, M. J. E de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Papyrus Editora, 2003.

MARTÍNEZ-ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. Trad. Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

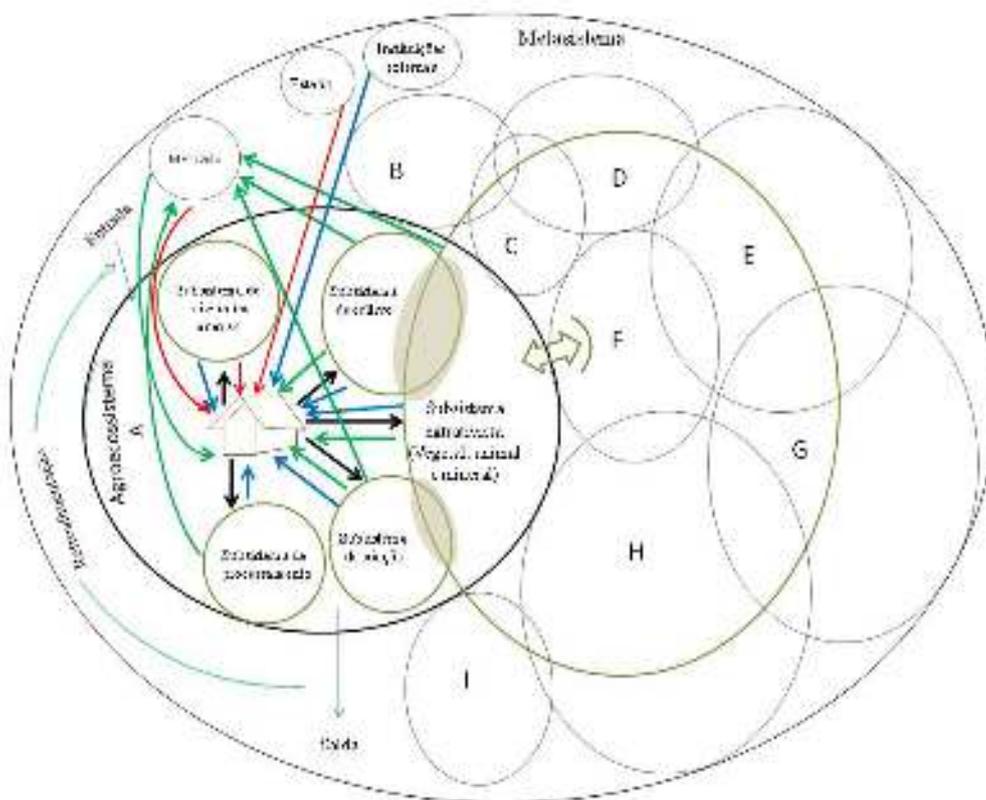


Figura 01. Modelo representativo da organização e funcionamento dos agroecossistemas dos camponeses agroextrativistas do Igarapé Marintuba, na Ilha do Capim. Organizado pelos autores (2017).

Legenda: Informação; Renda; Trabalho; Matéria; Dinâmica de ampliação e retração; Zona de transição; Fronteira dos subsistemas.